

Texto 2

Da origem das idéias¹ (David Hume)

(...) se sucede que, por um defeito do órgão, um homem não é suscetível de determinada espécie de sensação, verificando sempre que ele é igualmente incapaz de formar as idéias correspondentes. Um cego não pode fazer idéia das cores, nem um surdo dos sons. Que a cada um deles se restitua o sentido de que carece e, abrindo-se essa porta a novas sensações, Ter-se-á aberto também uma porta às idéias, e ele não terá dificuldade em conceber esses objetos. O mesmo acontece quando o objeto próprio para excitar uma certa sensação nunca foi aplicado ao órgão. Um lapão ou um negro não tem nenhuma noção do gosto do vinho. E, conquanto sejam raros ou inexistentes os exemplos de uma deficiência desse gênero na mente, exemplos de pessoas que nunca experimentaram ou que sejam completamente incapazes de experimentar um sentimento ou paixão próprios de sua espécie, não obstante vemos que a mesma observação ocorre em grau mais atenuado. Um homem de hábitos pacíficos não pode fazer idéia de um inveterado espírito de vingança ou crueldade, nem é fácil a um coração egoísta conceber os extremos da amizade e da generosidade. Admite-se facilmente que outros seres possam ser dotados de muitos sentidos que nós nem sequer imaginamos, porque as idéias de tais coisas nunca foram introduzidas em nós da única maneira pela qual uma idéia pode Ter acesso ao intelecto, isto é, a sensação efetivamente presente.

Texto 3

Emílio ou da educação² (Rousseau)

Já que todos os nossos erros vêm de nossos juízos, é claro que, se nunca precisássemos julgar, não teríamos nenhuma necessidade de aprender; nunca nos enganaríamos e estaríamos mais contentes com nossa ignorância do que podemos estar com o nosso saber. Quem nega que os doutos sabem mil coisas verdadeiras que os ignorantes não saberão nunca? Estarão os doutos por isso mais próximos da verdade? Pelo contrário, afastam-se dela ao avançar, porque, a vaidade de julgar fazendo ainda mais progressos do que as luzes, cada verdade que eles aprendem é acompanhada de cem juízos falsos. É mais do que evidente que as sociedades científicas da Europa não passam de escolas públicas de mentiras, e com toda a certeza há mais erros na Academia de ciências do que em todo um povo de hurões.

(...)

Já que, em meio a tantas relações novas de que dependerá, será preciso, mesmo contra a sua vontade, que ele (Emílio) julgue, ensinemo-lhe então a bem julgar.

A melhor maneira de ensinar a bem julgar é a que mais tende a simplificar as nossas experiências e a poder até mesmo dispensar-nos delas sem incorrer em erro. Donde se segue que, depois de ter verificado por muito tempo as relações dos sentidos um pelo outro, é preciso ainda aprender a verificar as relações de cada sentido por si mesmo, sem necessidade de recorrer a outro sentido; então, cada sensação tornar-se-á para nós uma idéia, e essa idéia sempre será conforme á verdade. Este é o tipo de aquisição com que procurei preencher esta terceira idade da vida humana.

¹ Retirado de: HUME, David. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo, Abril Cultural, 1973. P. 135. (Coleção Os Pensadores).

² Retirado de: Rousseau, J.-J. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Pp. 277-8.